

PRODUÇÃO DE MATERIAL PEDAGÓGICO EM GEOGRAFIA PARA COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA FLONA DE TEFÉ, AMAZONAS

Maíra Suertegaray Rossato

Profa. Dra. Depto. Humanidades, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cristiano Quaresma de Paula

Geógrafo, doutorando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cleder Fontana

Professor Dr. Rede Pública de Educação e substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Esta pesquisa é resultado, inicialmente, do trabalho de mapeamento participativo construído juntamente com a equipe do ICMBio-Tefé, durante a elaboração do plano de manejo da Floresta Nacional de Tefé - FLONA de Tefé -, AM. Nessa ocasião, o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente - NEGA/UFRGS -, teve a oportunidade de conhecer os ribeirinhos moradores da Unidade de Conservação (UC), realizar com eles o mapeamento do uso do solo da FLONA e, com isto, compreender um pouco do lugar onde moram, de suas histórias de vida, da natureza que os envolve, do trabalho que realizam, enfim de seu modo de viver. A produção deste material didático foi apresentada e aprovada junto ao Conselho da FLONA. A partir disto, foi submetido um projeto de construção de instrumental didático ao edital CNPq DIFUSÃO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA (2013). A metodologia de elaboração do material está associada à cartografia social e ao diálogo de saberes. O resultado desta produção consistiu na organização de três textos com características distintas, porém complementares. O primeiro volume denominado O Lugar Onde Moro – FLONA de Tefé contém quatro textos: Meu lugar e minhas histórias; A natureza que me envolve, Ribeirinhos e suas atividades e A Floresta é a minha casa. O segundo volume é um livro de literatura infantil que trabalha com a temática ambiental: o desmatamento e a necessidade de preservação da floresta. O objetivo de incluir um livro de literatura infantil neste projeto é estimular a leitura, a partir de temas locais, das crianças da fase inicial do Ensino Fundamental. O terceiro volume O Lugar Onde Moro – FLONA de Tefé: práticas pedagógicas traz sugestões de atividades para serem desenvolvidas pelo professor do Ensino Fundamental. Essas atividades estão centradas no conteúdo relativo à FLONA de Tefé apresentados no Volume I e no livro infantil, acrescido de outras que buscam explorar conteúdos como observação, orientação, escalas e representações. Os textos foram avaliados em subgrupos cujos participantes foram ribeirinhos, técnicos do ICMBio e pesquisadores da UFRGS. Procedeu-se, em reuniões, a leitura integral dos textos visando a compreensão da linguagem escrita, a correção das informações, a estrutura e a sequência a ser adotada nos textos, bem como a avaliação e a complementação de imagens do lugar. O entendimento expresso pelos participantes ao realizar as atividades de leitura e avaliação do material permite conceber a adequação da linguagem e a pertinência dos conteúdos e habilidades propostas. O resultado deste projeto foi a elaboração, a editoração, a impressão,

a divulgação e a doação de 250 exemplares de cada um dos materiais produzidos para o acervo das bibliotecas das comunidades que compõem a FLONA.

Palavras-chave: FLONA de Tefé; Ribeirinhos; Ensino de Geografia

Introdução

Este texto apresenta o processo de elaboração de material pedagógico para o ensino de Geografia nas comunidades ribeirinhas inseridas na Floresta Nacional de Tefé - Amazonas (FLONA de Tefé). Expõe o processo de construção de três livros, os quais fazem a transposição didática dos resultados de pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudo Geografia & Ambiente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEGA/UFRGS) - para o ensino de Geografia. Logo, contém parte de um processo maior que se iniciou na elaboração de mapas participativos, em ocasião da elaboração do Plano de Manejo da referida unidade de conservação (UC) – em 2012.

Em 2012, por solicitação dos técnicos do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO-Tefé), gestores da FLONA de Tefé, o NEGA desenvolveu metodologias de mapeamento participativo para a construção de mapas de uso da terra que deram suporte à proposta de zoneamento da unidade de conservação, que integra o Plano de Manejo. Considera-se participativo, pois os comunitários tomam parte do processo de mapeamento, inserindo os conteúdos que consideram mais relevantes ao mapa e orientando o processo cartográfico de forma que permita a permanência das comunidades em seus territórios tradicionais (OLIVEIRA e DE PAULA, 2015).

De 2012 a 2013, a equipe de pesquisadores esteve envolvida na construção desses mapas, que foram em determinados momentos revisados pelos comunitários e apresentados ao conselho consultivo da UC. O principal objetivo desta parceria consistia na produção de material cartográfico para subsidiar a gestão participativa, porém, a partir da pesquisa-ação, ficou evidenciada a necessidade de construir ações relativas à melhoria da educação na FLONA. Nesse sentido, a partir da elaboração do plano de manejo, ocorreu a organização dos jovens das comunidades para refletir e propor ações sobre as demandas da educação, seja ela em termos de infraestrutura, de professores e de materiais didáticos que favoreçam uma educação voltada para seu espaço de vivência.

É neste contexto que foi elaborado um novo projeto com finalidade analisar o espaço geográfico da FLONA de Tefé com o intuito de compreender os aspectos territoriais nas suas dimensões econômicas, políticas, culturais a partir de seus modos de vida. Nesse projeto, buscou-se ampliar as discussões em torno das inter-relações espaciais, resgatando os resultados do mapeamento participativo que ocorreu em 2012, envolvendo a valorização do ambiente associada ao conhecimento das comunidades ribeirinhas. A especificidade deste é seu direcionamento para o ensino da Geografia, na FLONA de Tefé, considerando o conhecimento produzido a partir do diálogo em campo com os ribeirinhos e com isto valorizar a educação como forma de apreensão do mundo e construção da cidadania.

O pressuposto foi de que o material trabalharia Geografia a partir de conceitos operacionais do espaço geográfico (SUERTEGARAY, 2001) e com conteúdo que expressasse o lugar em que os educandos moram. Decidiu-se, ainda, que o ensino deveria ocorrer de forma que desenvolvesse a alfabetização cartográfica (PASSINI, 1994), para que aquele conjunto de

mapas, os quais subsidiaram o Plano de Manejo, fosse apreendido pelos educandos favorecendo a aprendizagem sobre o lugar onde moram.

Partindo do entendimento de que havia a necessidade da produção de materiais que apresentassem a FLONA de Tefé aos professores, sobretudo aqueles que não residem nas comunidades, e de propor atividades que envolvessem os educandos, foram elaborados três volumes: o primeiro, um livro texto “O lugar onde moro: Geografia da FLONA de Tefé” (SUERTEGARAY et al., 2016); o segundo, um livro conto “Boyrá e o Menino” (ROSSATO, 2016); e o terceiro, um livro de atividades “O lugar onde moro – FLONA de Tefé: práticas pedagógicas em Geografia” (DE PAULA et al., 2016).

Proposta Metodológica da Elaboração dos Materiais

Na introdução, o processo de mapeamento realizado que antecedeu o da construção dos materiais didáticos foi denominado de participativo. Neste momento, também se compreende esta como um processo de pesquisa participativa, com vínculo à pesquisa-ação.

Segundo Thiollent e Silva (2007), ocorre a pesquisa participativa quando a mesma abrange técnicas de ensino, pesquisa, extensão, avaliação, gestão, planejamento etc. que sejam sensíveis à participação de todos os atores envolvidos no problema que se pretende solucionar. O problema da falta de materiais didáticos que dialoguem com a vida dos educandos foi assumido pela equipe de pesquisadores que, inseridos no ambiente universitário, interviram por meio de ensino, pesquisa e extensão, e priorizaram os comunitários como protagonistas do processo.

Na leitura da pesquisa como um todo se entende seu vínculo com a pesquisa-ação, na medida em que o processo se desenvolveu através da busca de opções alternativas para a resolução de problemas específicos e, em um determinado contexto, através da discussão democrática em que os pesquisadores e colaboradores locais trabalharam em conjunto em um processo de coprodução (DENZIN et. al, 2006).

Greenwood & Levin *apud* Denzin et. al. (2006, p. 102) descrevem a pesquisa-ação a partir de quatro aspectos. O primeiro pressupõe uma “coprodução de conhecimentos entre os participantes e os pesquisadores por meio de processos comunicativos e colaborativos, nos quais todas as contribuições dos participantes são levadas a sério”. Esse princípio se expressou em todo o projeto, desde a apresentação da proposta ao conselho consultivo da UC, até a revisão dos mesmos pelos comunitários e conselheiros. Nesse caso, os “significados construídos no processo de investigação conduzem à ação social” que se manifesta na (auto)valorização dos modos de viver dos comunitários, que se evidenciam nos livros. Logo, “essas reflexões sobre a ação levam à construção de novos significados” (DENZIN et. al., 2006, p.102).

O segundo aspecto versa sobre a diversidade de experiências e capacidades dentro do grupo, como oportunidade de enriquecimento do processo (DENZIN et. al., 2006, p.102). Neste sentido, cabe destacar a diversidade de experiência dos pesquisadores, no campo da Geografia, que dialoga com a diversidade de vivências dos comunitários. Assim, ao mesmo tempo em que se entende a ação expressa nos materiais produzidos, é fundamental destacar a ação promovida na própria equipe de pesquisadores e nas ressignificações que os mesmos fazem nos conhecimentos relacionados à área científica em que estão inseridos.

É fundamental destacar o terceiro aspecto de que “a pesquisa-ação produz resultados válidos de pesquisa” (DENZIN et. al., 2006, p.102). Isso se reflete no material didático apresentado, que efetivamente são livros de Geografia. O envolvimento dos comunitários de forma alguma exclui o rigor científico, pelo contrário, põe a produção científica em questão, na medida em que coloca os conhecimentos da Geografia (ciência) em diálogo com os conhecimentos tradicionais, de modo que contribui com a construção de outra racionalidade, que poderia ser chamada de racionalidade ambiental (LEFF, 2004). É sabido que muitas das produções científicas sobre a Amazônia receberam imensuráveis contribuições dos povos da floresta, contudo, infelizmente, não foi convencional o reconhecimento dos saberes desses povos, o que é necessário para construir o novo dentro do conhecimento científico.

Por fim, Denzin et. al. (2006, p.102) ressaltam que a “pesquisa-ação concentra-se no contexto, seu objetivo é resolver problemas da vida real em seu contexto”. Neste sentido, cabe ressaltar que o problema foi apresentado pela própria comunidade. Nesta etapa, as comunidades solicitam aos pesquisadores materiais didáticos para melhor dialogarem com os educandos ribeirinhos. E para isso, a Geografia teve de, efetivamente, abrir seu horizonte de compreensão para o contexto de vida dos ribeirinhos, respeitando suas linguagens, suas compreensões de processos, sua diversidade de saberes e de organizações. A cada momento a equipe de pesquisadores refletia sobre o texto escrito, buscando observar na redação a presença do diálogo com os “saberes inscritos nos modos de viver” daqueles povos tradicionais, conforme enfatizado em Porto-Gonçalves (2010).

Expostas as principais orientações metodológicas da pesquisa-ação realizada, na sequência serão apresentados os três materiais produzidos, com ênfase nos procedimentos metodológicos adotados para cada um.

O LUGAR ONDE MORO: Geografia da FLONA de Tefé

O ponto de partida nesse processo de construção de subsídios didáticos para as escolas da FLONA de Tefé foi reunir todo o material obtido em pesquisa para a construção de um livro que abordasse a unidade de conservação como uma totalidade. Para tanto, a equipe de pesquisadores se subdividiu de modo a reunir informações sobre a história, a natureza, o trabalho e a cultura dos ribeirinhos.

Entre 2014 e 2015 ocorreram a compilação e a análise de relatos, áudios, vídeos, fotos e mapas que serviriam de base para a construção dos materiais e a definição de que tipos de produtos seriam elaborados. No processo, entendeu-se que um dos materiais deveria ser um livro texto que apresentasse a FLONA de Tefé. Esse seria importante para sintetizar as principais informações alcançadas no processo de pesquisa, serviria de base para consulta em atividades sobre a unidade e permitiria situar os educadores que vão lecionar na UC, mas não a conhecem.

Em agosto de 2015, foi realizada a oficina para avaliação, revisão e complementação dos textos previamente elaborados. No período em que o grupo NEGA esteve em Tefé, foram realizadas duas reuniões de avaliação. Uma delas aconteceu na comunidade de São Francisco e reuniu comunitários e professores desta comunidade e de outras próximas, além dos gestores. Os textos foram avaliados em subgrupos, e depois se fez a leitura integral dos mesmos, visando a possibilidade de compreensão da linguagem escrita por toda a

comunidade envolvida, a correção das informações, a definição da estrutura e da sequência a ser adotada no texto, bem como a avaliação e a complementação de imagens do lugar.

Duas definições foram fundamentais nessa etapa. Quanto à ordem dos textos, é costumeiro nos trabalhos de Geografia começar pelos aspectos da natureza, contudo os ribeirinhos entendem que tudo começa com a história da ocupação da área pelas comunidades. Na sequência, deve ser apresentada a natureza que encontraram, a expressão do trabalho como forma de relação e aprendizado das comunidades com a natureza e, por fim, a manifestação do seu modo de viver, destacando aqueles momentos de encontro e celebração.

A segunda definição diz respeito à escrita, ou seja, se esta deveria ser em primeira pessoa (os próprios ribeirinhos) ou em terceira pessoa (os pesquisadores falando dos ribeirinhos). Havia um entendimento no grupo de pesquisadores de que colocar o texto em primeira pessoa, seria dar voz aos ribeirinhos, aos sujeitos desta história. Contudo, no entendimento dos comunitários, como foram os pesquisadores que elaboraram os textos, isso deveria se evidenciar na escrita. Ressaltaram que o fato do livro ser escrito por pessoas de fora, mas que se interessaram pela FLONA valoriza as comunidades, dá visibilidade à UC e aos seus moradores.

Na segunda reunião que ocorreu na sede do ICMBIO/Tefé houve a participação dos membros do conselho consultivo da FLONA de Tefé. Destacam-se as participações dos conselheiros representantes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA e do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Neste momento, respeitando as sugestões feitas pelos ribeirinhos, a análise foi técnica com base na experiência que essas duas instituições já acumulam na Amazônia e mais precisamente na UC.

Essa atividade de campo foi fundamental, pois permitiu uma significativa avaliação e reestruturação do material a partir das contribuições da comunidade. Tendo em vista que os três volumes foram construídos justamente com o objetivo de instrumentalizar quem vive na FLONA de Tefé a partir do conhecimento sobre o local, ouvir e valorizar as contribuições do público-alvo – que também é, nesse caso, objeto de pesquisa – constituiu-se parte essencial do processo.

Após estas oficinas, o grupo reformulou os textos, promoveu sucessivas leituras internas, até sua finalização, garantindo que o resultado final refletisse a realidade local e respondesse pelos seus objetivos de produção de conhecimento em diálogo com os ribeirinhos. Diante do exposto, o livro é composto por quatro capítulos: I. Meu Lugar e Minhas Histórias, II. A Natureza que nos Envolve, III. Os Ribeirinhos e suas Atividades, IV. A Floresta é a Tua Casa.

I. Meu Lugar e Minhas Histórias

No primeiro capítulo, a problemática trabalhada é a história das comunidades da FLONA de Tefé. Aborda a origem dos primeiros moradores e a constituição das primeiras comunidades a partir do Movimento de Educação de Base (MEB). Em outro momento, destaca a relação das comunidades com o processo de institucionalização da unidade de conservação, destacando o papel do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). No presente aborda o processo de construção do Plano de Manejo.

II. A Natureza que nos Envolve

Este capítulo traz elementos que compõem os estudos da natureza nas aulas de Geografia, contudo respeitando as toponímias e as lógicas de como os ribeirinhos entendem os processos da dinâmica da natureza. Destaca a relação entre hidrografia e clima, uma vez que a dinâmica hidrográfica é um importante elemento de influência na vida dos comunitários. Apresenta as principais compartimentações de relevo, correlacionando com flora e fauna presente nas mesmas.

III. Os Ribeirinhos e suas Atividades

Trata-se de um capítulo focado nas atividades laborais dos ribeirinhos, por meio do ciclo anual da produção e ciclo de atividades diárias. Diante do exposto, o conteúdo do capítulo foi possível através de metodologias específicas, onde os ribeirinhos expuseram suas principais atividades tanto ao longo do dia como ao longo do ano. Cabe destacar a ênfase às principais atividades desenvolvidas pelos ribeirinhos: pesca, extrativismo e agricultura (roçado).

IV. A Floresta é a Tua Casa

Neste último capítulo buscou-se enfatizar os modos de viver peculiares às comunidades ribeirinhas – os povos da floresta e das águas -. Desta vez, as atividades diárias extrativistas, pesqueiras e agrícolas, são abordadas dentro daquilo que se compreende como práticas tradicionais de uso. Também se destaca todo o processo artesanal de produção da farinha de mandioca, realizado por muitas comunidades da FLONA. Por fim, são apresentadas as principais atividades cotidianas que envolvem lazer e convívio social. E as práticas culturais e festividades que ocorrem ao longo do ano.

Boyrá e o Menino

O segundo material é um livro de literatura infantil que trabalha com a temática ambiental; aborda o desmatamento e a necessidade de preservação da floresta. Sua elaboração foi feita pela professora Maíra Suertegaray Rossato, membro do grupo, professora de Geografia da Educação Básica no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e escritora de livros infantis, e pela ilustradora Carla Pilla, cujos desenhos foram inspirados na realidade local.

A narrativa apresentada no livro é ficcional, mas fruto de pesquisa e conhecimento a respeito da realidade amazônica e de suas UCs. Foi pensado para compor o conjunto de três produções planejadas para estimular o interesse e o conhecimento sobre a região. Por isso, o material foi apresentado e discutido com os gestores da FLONA, que avaliaram o conteúdo em relação à UC, observando se estava adequado à realidade local e se trazia questões pertinentes. Boyrá e o Menino parte da curiosidade sobre o peixe-boi, animal importante no ambiente da floresta; do encantamento pelas escolas dentro das comunidades ribeirinhas; e do desafio de viver na floresta sem degradá-la. O menino representa todos os meninos e meninas que constroem a história destas comunidades, preocupados com o futuro da floresta. Tanto o texto como as ilustrações passaram por leitores críticos que fizeram contribuições de forma a torná-los mais próximos da realidade dos ribeirinhos, fundamental para que os leitores se reconheçam se orgulhem dos caminhos por eles construídos.

O objetivo de incluir um livro de literatura infantil neste projeto é estimular a leitura, a partir de temas locais, nas crianças da fase inicial do Ensino Fundamental. Dessa forma, considera-se que não apenas os adolescentes e adultos poderão desfrutar de material sobre o espaço onde vivem, mas também os leitores mais jovens.

O Lugar Onde Moro – FLONA de Tefé: Práticas Pedagógicas em Geografia

Após a elaboração dos livros “O Lugar onde Moro: Geografia da FLONA de Tefé” e “Boyrá e o Menino”, iniciou-se a construção de propostas/sugestões de atividades para serem desenvolvidas pelos professores em sala de aula ou em outros espaços de educação popular. Essas compuseram o terceiro volume “O Lugar onde Moro – FLONA de Tefé: práticas pedagógicas em Geografia”.

Tendo em vista que no projeto anterior foram elaborados diversos mapas sobre a UC, o grupo definiu que uma das habilidades a ser estimulada no livro seria a alfabetização cartográfica. Assim, os educandos ribeirinhos e suas comunidades poderiam se apropriar do conteúdo dos mapas do Plano de Manejo para garantirem seus direitos enquanto comunidades tradicionais.

Como destaca Passini (1994), a alfabetização cartográfica pressupõe o domínio e aprendizagem da linguagem gráfica que se constitui de símbolos e significados. Contudo, a ênfase não deve ser dada às convenções cartográficas, mas em criar condições para que o educando seja um leitor crítico de mapas e seja consciente ao mapear. Desta forma, a cartografia torna-se um meio de tornar o educando um “mapeador ativo” e consciente das escolhas subjetivas que foram tomadas no processo cartográfico (CASTROGIOVANNI, 2000).

Considerando a alfabetização cartográfica como um meio de construção da linguagem cartográfica, a metodologia de ensino presente neste material didático segue a proposta de Simielli (1996).

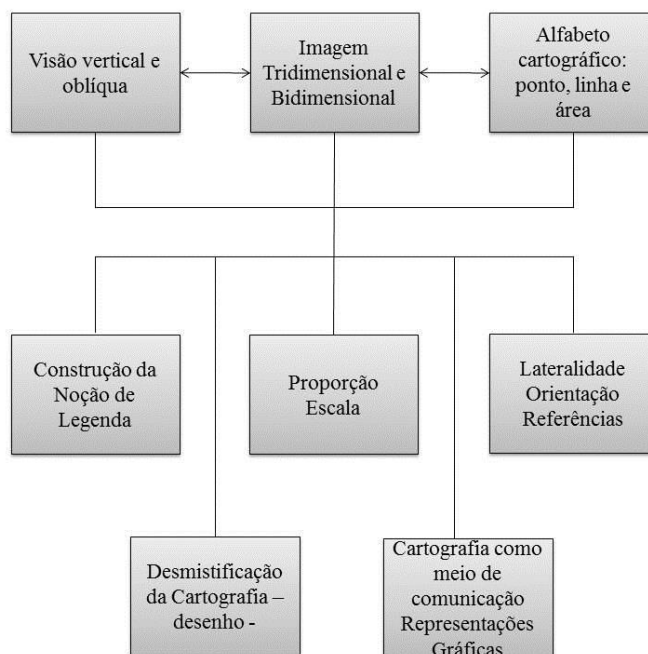


Figura 1: Proposta de Alfabetização Cartográfica adotada no material didático. Fonte: Adaptado de Simielli, 1996.

Segundo Simielli (1994), no ensino de cartografia nas escolas pode-se trabalhar em dois eixos, embora ocorram alguns procedimentos em paralelo. Um eixo se refere ao trabalho com o produto cartográfico já elaborado, sendo o resultado do processo um “leitor crítico”, um estudante que não usa o mapa simplesmente para localizar fenômenos. Já no segundo eixo, o educando é um participante efetivo do processo, logo o resultado é o “mapeador consciente”.

Destaca-se que na proposta de Simielli (1996) essa constituição do “leitor crítico” e do “mapeador consciente” por meio da alfabetização cartográfica decorre de um processo em etapas que vai dos 6 aos 12 anos. Contudo, no contexto da FLONA de Tefé, onde a maioria das escolas funciona com turmas multiseriadas, as atividades foram construídas em diferentes graus de complexidade, e cabe ao professor decidir quais são mais adequadas aos alunos, de acordo com sua faixa etária e nível de ensino. O livro se estrutura em uma sequência que parte do mais simples e avança para o mais complexo, sendo que na mesma sala é possível tanto trabalhar com símbolos elementares, quanto fazer leituras críticas dos mapas.

Sendo um material de Geografia, decidiu-se também que as unidades deveriam proporcionar o estudo e a compreensão de conceitos que contemplam abordagens do espaço geográfico, neste caso entendido como uno e múltiplo (SUERTEGARAY, 2001).

Para Suertegaray (2001), espaço geográfico constitui o conceito balizador da Geografia. A formulação deste conceito apresentou e apresenta ainda hoje variadas concepções. Na perspectiva do ensino de Geografia, pode-se conceber que o espaço geográfico é o espaço construído pelas atividades de homens e mulheres ao longo da história. O trabalho humano imprimiu e imprime na superfície natural do planeta Terra modificações importantíssimas. Este trabalho dependeu sempre da natureza, daquilo que ela oferece para a existência humana e dos usos que a sociedade faz.

Para entender a análise geográfica, é importante compreender que os professores e alunos, podem analisar o espaço geográfico através de diferentes conceitos. Significa dizer que se pode ler o espaço geográfico através de conceitos que podem ser denominados operacionais, na medida em que permitem focar o espaço geográfico sob diferentes perspectivas. Estes conceitos são lugar, paisagem, natureza, ambiente, região e território.

O conceito de lugar é abordado na primeira unidade do livro “O lugar em que vivemos”. Este expõe a construção de vínculos dos comunitários com o espaço geográfico em que os ribeirinhos vivem. Logo, o lugar é espaço de coexistência e expressa os significados que os ribeirinhos atribuem a ele. Cabe complementar que na primeira unidade há o trabalho com as primeiras noções de alfabetização cartográfica. Retoma-se a história de ocupação do espaço da FLONA para, então, compreender os significados atribuídos ao lugar de vida dos ribeirinhos e suas comunidades.

O conceito de paisagem é central na segunda unidade de estudo “A paisagem que construímos”. Este conceito permite compreender o conjunto de elementos que a compõe - naturais ou sociais - e como esse conjunto se expressa na paisagem da floresta e das comunidades. Como destaca Santos (1997), o mundo é um conjunto de possibilidades e a paisagem, enquanto materialidade do espaço geográfico, é uma acumulação desigual de tempos.

Nesta unidade, se estuda os elementos que compõem a paisagem, bem como os diversos tempos presentes na paisagem. Há um avanço no sentido de entender os diversos elementos que estão presentes na paisagem das comunidades, enfatizando os naturais e os construídos. A alfabetização cartográfica avança no sentido de compreender as representações da paisagem através de imagens, mapas e maquetes, o que, na perspectiva de Simielli (1996), é uma habilidade necessária para a constituição de um “mapeador consciente”.

Na unidade três “A natureza que nos envolve”, os elementos da natureza são estudados com detalhe, uma vez que alguns já haviam sido identificados na análise da paisagem. São enfatizados processos que independem da intencionalidade humana, como a dinâmica do clima, do relevo, da hidrografia e da vegetação. Nesse momento, aprofundam-se as habilidades da alfabetização cartográfica, pois as propostas vão além da construção de mapas, incluem agora análises sobre mapas produzidos durante a elaboração do Plano de Manejo da UC.

Na quarta unidade “O ambiente em que vivemos”, a ênfase está nas relações que os ribeirinhos estabelecem com a natureza. Estas relações se expressam tanto no trabalho e em atividades diárias (extrativismo, pesca, roçado, etc.), como nas normas a que estão sujeitos por serem residentes de uma UC. Nesta unidade, também se faz uso do ciclo anual da produção e do ciclo de atividades diárias para expressar os diversos usos que os comunitários fazem da natureza no espaço-tempo. Continua-se o processo de aprofundamento da análise e da interpretação de mapas.

Na quinta unidade “A região norte e outros lugares”, o conceito de região é abordado como espaço onde há uma certa homogeneidade de atividades econômicas, indicadores sociais, etc. Esta é uma abordagem que não está totalmente presente no primeiro livro, mas a proposta dos pesquisadores é de que, com os conhecimentos acumulados sobre a FLONA, os educandos ribeirinhos possam estabelecer relações com a região onde estão inseridos, bem como com outras regiões brasileiras. A compreensão das principais atividades da região norte e a expressão destas na FLONA serve de tema problematizador sobre possíveis impactos da vinda dessas atividades para a UC ou seu entorno. Dá-se seguimento à análise de mapas que foram construídos durante a elaboração do Plano de Manejo, destacando, inclusive, o zoneamento da unidade como uma concepção de regionalização interna.

Na sexta unidade “Vivemos em um território”, analisa-se a constituição de espaços onde prevalecem as relações de poder em diversas escalas. Destaca-se o território brasileiro e sua forma de organização através de estados e de municípios. Aborda-se a noção de limite como fundamental para designar territórios. Por fim, tratam-se de territórios e territorialidades tradicionais, espaços de apropriação e uso pelos moradores locais. Esta unidade, assim como a anterior, traz informações que vão além do livro “O Lugar onde Moro: geografia da FLONA de Tefé”, mas parte dos conhecimentos da unidade para a compreensão de conceitos mais amplos. Neste momento, os educandos já têm condições de compreender mapas em diferentes escalas - do Brasil e da América Latina.

Na sétima unidade “Boyrá e o Menino: leituras possíveis”, há proposições de atividades para abordar o livro infantil. São apresentadas propostas de leitura e de interpretação do texto e das imagens do livro para os educadores utilizarem em sala de aula. Destacam-se essas atividades como fundamentais para a valorização dos modos de viver dos

ribeirinhos pelos educandos mais jovens. Como já mencionado, o menino de que trata o livro, poderia ser qualquer um deles, e é o protagonista da história. A relação peculiar como a criança ribeirinha se relaciona com a natureza é seu grande potencial para resolver a problemática apresentada no conto.

Por fim, a oitava unidade apresenta uma discussão sobre a avaliação das propostas contidas no livro, destacando o conteúdo e as habilidades necessárias para o bom desempenho na aprendizagem de Geografia.

Em cada unidade há uma série de temáticas que serão abordadas. Essas propostas de “encontros” apresentam a temática específica a ser estudada e o objetivo desta. Na sequência são expostas algumas questões norteadoras ou noções básicas. Então são propostas uma série de atividades com diversos graus de complexidade.

O resultado deste projeto foi a elaboração, a editoração, a impressão, a divulgação e a doação de 250 exemplares de cada um dos materiais produzidos para o acervo das bibliotecas das comunidades que compõem a FLONA.

Algumas considerações sobre os materiais produzidos.

Tendo apresentado os materiais para o ensino de Geografia na FLONA de Tefé, será feita uma breve reflexão sobre os mesmos a partir do debate contemporâneo presente entre os teóricos do Ensino da Geografia.

Em relação à Geografia na Educação Básica, cabe destacar que, no contexto das escolas da FLONA de Tefé a maioria das salas de aula são multiseriadas, o que dificulta a desenvolvimento de uma lógica linear de conteúdos. As propostas apresentadas permitem ao professor selecionar e adaptar os materiais e as práticas conforme as características da sua turma, incentivando a troca e a colaboração entre estudantes em níveis cognitivos diferentes.

O material produzido abre espaço para a inserção de visões de mundo dos povos da floresta, que até então não se reconheciam nos materiais didáticos de Geografia. Os educandos ribeirinhos e suas comunidades verão no ensino de Geografia a expressão do lugar em que vivem, das suas vivências e das linguagens em diálogo com os conhecimentos geográficos que são básicos e comuns em propostas elaboradas em território nacional.

Entre os conceitos abordados nos livros, há uma referência direta ao lugar, “O Lugar onde Moro”. O livro de práticas pedagógicas de Geografia, expressa esta visão mais contemporânea da construção dos saberes geográficos, na medida em que enfatiza o contexto familiar, comunitário, da escola e do trabalho como ponto de partida para as aprendizagens. Consiste na valorização dos diferentes espaços geográficos vinculados às diferenças étnicas e sociais ao propor uma análise a partir do conceito de lugar e do modo de viver dos povos da floresta. Isto implica em reconhecer suas territorialidades e, assim, produzir conhecimentos e representações do espaço que servem como instrumento de lutas para a permanência em tais territórios.

Nos materiais produzidos, é revelado que as comunidades da FLONA, apesar de parecerem isoladas, também estão sujeitas a grandes projetos econômicos e orientações internacionais sob determinadas políticas, como as de proteção da natureza. Assim, reconhecendo seu modo de viver e valorizando a cultura dos povos da floresta, os educandos ribeirinhos se posicionam a partir do seu lugar no mundo. Valoriza-se nesse caso uma das

proposições de ensino de Geografia que propõe a análise do espaço geográfico em diferentes escalas.

Estão presentes as escalas geográficas (local-regional-nacional-global), mas não há uma hierarquização entre elas. As diversas escalas se manifestam na medida em que o lugar de vida dos educandos é abordado. Assim, se compreende o município, o estado, a região e o país, sempre em relação com a própria UC, onde estão as comunidades e suas diversas territorialidades. A governança também é abordada em diversas escalas, havendo destaque para os espaços de gestão comunitária e compartilhada no âmbito das comunidades.

Fotografias, mapas, esquemas, desenhos, imagens de satélites, gráficos ganham destaque, de modo que os educandos tenham contato com diversas formas de representação do lugar onde moram. Esta forma de abordagem valoriza o uso de recursos didáticos diversos, valorizando diferentes linguagens e gêneros textuais.

A cartografia é tomada como centro na análise das representações espaciais. Assim, no material de práticas pedagógicas, as três primeiras unidades estão enfocadas no processo de alfabetização cartográfica. Tendo desenvolvido essa habilidade, propõe-se a leitura crítica de mapas e a produção consciente de mapas, maquetes, croquis etc.

Por fim, frisa-se o potencial desse material para uso em atividades interdisciplinares. Os três volumes podem ser utilizados em conjunto com educadores de outras disciplinas. No caso do material de práticas pedagógicas em Geografia, cada encontro apresenta, inclusive, a proposta de disciplinas que podem atuar conjuntamente na condução das atividades.

Conclusões

No caso desse projeto, percebe-se um importante passo do ponto de vista metodológico, com o desenvolvimento efetivo de uma pesquisa-ação. Houve uma demanda das próprias comunidades da FLONA de Tefé, houve a coprodução dos materiais com os comunitários, os resultados expressam uma Geografia científica feita com criatividade, e a materialidade dos livros expressa a ação proposta.

Quanto aos materiais, cabe destacar o movimento em que os mesmos foram concebidos e produzidos. Para refutar o convencional que não expressa os modos de viver dos ribeirinhos, os pesquisadores tiveram que estar a todo o tempo abertos à possibilidade do novo. As ideias se adequavam na medida em que o problema a ser enfrentado ficava mais claro. Inicialmente, a ideia foi de produzir um atlas, mas os próprios professores expuseram a falta de conhecimento e formação sobre a FLONA, então, o caminho se voltou para a produção do livro texto “O lugar onde moro: Geografia da FLONA de Tefé. Entendeu-se que esse livro texto atendia as expectativas da Geografia do Ensino Fundamental II, então decidiu-se a produção do livro conto “Boyrá e o Menino” para começar o trabalho de valorização do modo de viver ribeirinho já com as crianças. Por fim, os próprios professores demandam sugestões de atividades que os auxiliem na preparação das aulas, então, com base nos livros citados, foi produzido o livro de atividades “O lugar onde moro – FLONA de Tefé: práticas pedagógicas em Geografia”.

Quanto ao ensino de Geografia, utilizando como base esses materiais, destaca-se a consonância com debate atual no ensino de Geografia. A centralidade do estudo está no lugar, valorizando as relações com a natureza, vivências e sociabilidades dos educandos em suas comunidades. A proposta de análise é multiescalar, sempre correlacionando com os

conhecimentos construídos a partir do lugar de vida dos educandos. A proposta de cartografia no ensino de Geografia dialoga com a proposição de alfabetização cartográfica, presente nos materiais, para formar leitores críticos de mapas e mapeadores conscientes.

Por fim, esse processo não está acabado. No presente o NEGA produz outro material que servirá de apoio às aulas, um atlas escolar. E já está em processo um novo projeto de pesquisa que objetiva a formação de professores, por meio de curso de extensão universitária, para trabalhar com os materiais produzidos.

Referências Bibliográficas

CASTROGIOVANNI, A. C. (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DE PAULA, C. Q.; ROSSATO, M. S.; FONTANA, C. (orgs.). **O Lugar Onde Moro – FLONA de Tefé: Práticas Pedagógicas em Geografia**. IGEO - UFRGS: Porto Alegre, 2016. 153p.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens**. 2ª. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

LEFF, E. **Racionalidad ambiental - la reapropiación social de la naturaleza**. México: 2004.

OLIVEIRA, M. G.; DE PAULA, C. Q. Relato de Experiência em Mapeamento Participativo com Ribeirinhos da FLONA de Tefé / AM. In. SUERTEGARAY, D. M. A.; PIRES, C. L. Z.; OLIVEIRA, M. G.(orgs.). **Geografia & Ambiente**. Ed. Compasso Lugar-Cultura: Porto Alegre, 2015.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise Crítica**. Belo Horizonte : Editora Lê, 1994.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. **GEOgraphia**, 8 Fev 2010. Disponível em: www.uff.br. Acesso em: 2013-01-23.

ROSSATO, M. S. **Boyrá e o Menino**. Ed. Compasso Lugar – Cultura: Porto Alegre, 2015.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2o Edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia e ensino: proposta e contraponto de uma obra didática**. São Paulo, 1996. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico Uno e Multiplo. **Scripta Nova**, Barcelona, N.93, jul 2001. Disponível em www.ub.edu Acesso em 2010-06-12.

SUERTEGARAY, D. M. A., PIRES, C. Z., DE PAULA, C. Q. (orgs.). **O Lugar Onde Moro: Geografia a FLONA de Tefé**. IGEO - UFRGS: Porto Alegre, 2016. 126p.

THIOLLENT, M.; SILVA, G. O. Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 1, n.1, p. 93-100, 2007. Disponível em: www.revista.cict.fiocruz.br/ Acesso em: 2010-09-12.